A Cabala – Apêndice 1



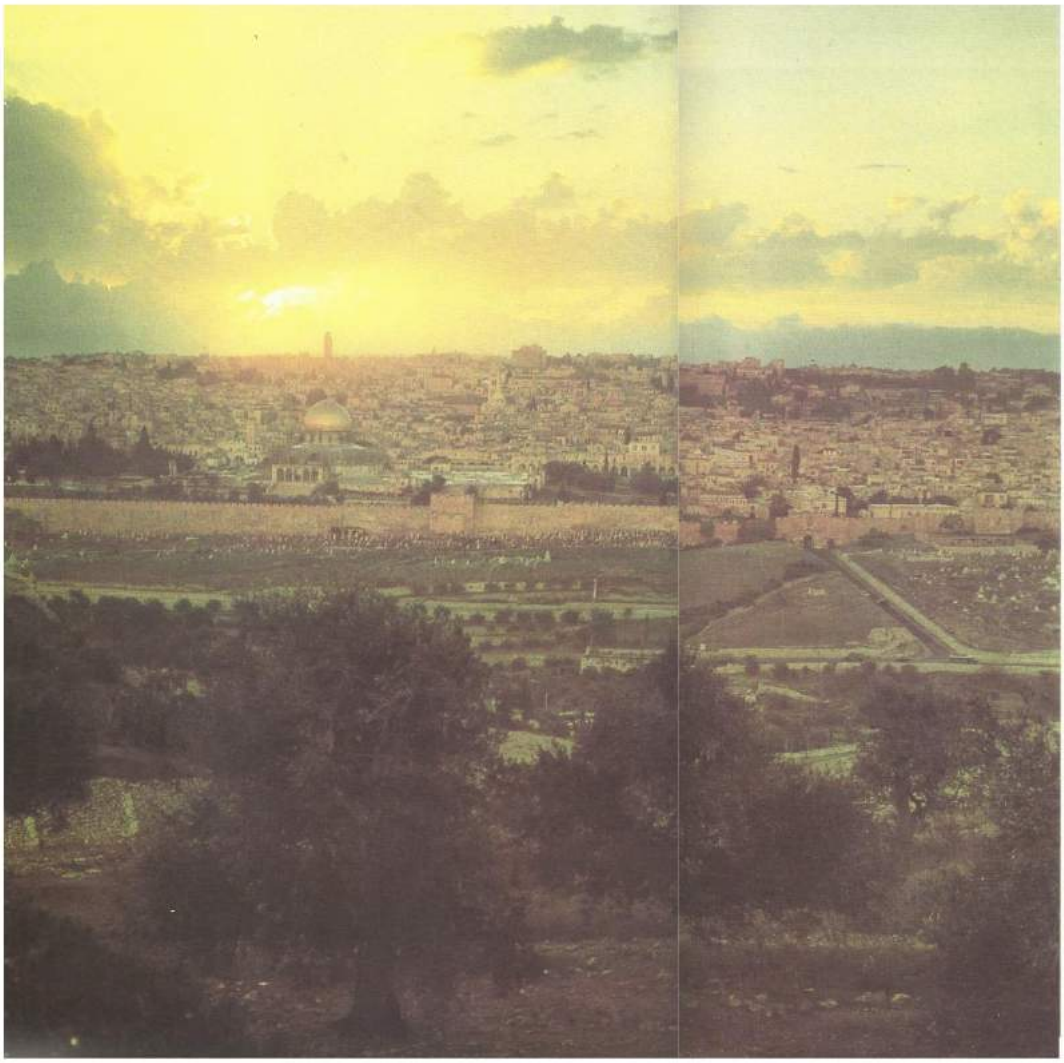
Segundo se diz, Deus ensinou primeiro os segredos da existência aos arcanjos superiores, que formavam um conselho interno na Corte do Todo-Poderoso.
Nesta versão cristã do Ensinamento (na arte judaica não pode haver representação Natural de Deus) o Criador dita as leis que governarão a Criação. Estas se baseiam, segundo a Cabala, nas dez Sefirot, Atributos Divinos ou Manifestações do Absoluto, cuja existência foi disposta com o fim de que Deus pudesse contemplar Deus.
(Deus, Arquiteto da Criação, segundo um manuscrito da Bíblia de Holkham, Inglaterra, século XIV).
Diz-se que Deus se compadeceu de Adão depois de ter sido expulso do Paraíso e que lhe enviou o arcanjo Raziel, cujo nome significa "Segredos de Deus", para lhe entregar um livro, graças ao qual o homem poderia não apenas aceder de novo ao Jardim do Paraíso, como também recordar que ele era, enquanto imagem de Deus, o observador do espelho da existência onde poderia perceber o Rosto Divino.
Este livro nos foi transmitido, embora algumas versões escritas alteradas tenham obscurecido seu conteúdo. Dele ainda existe uma versão oral na cabala.
(Escritura angélica, segundo o Livro de Raziel, Holanda, século XVII).



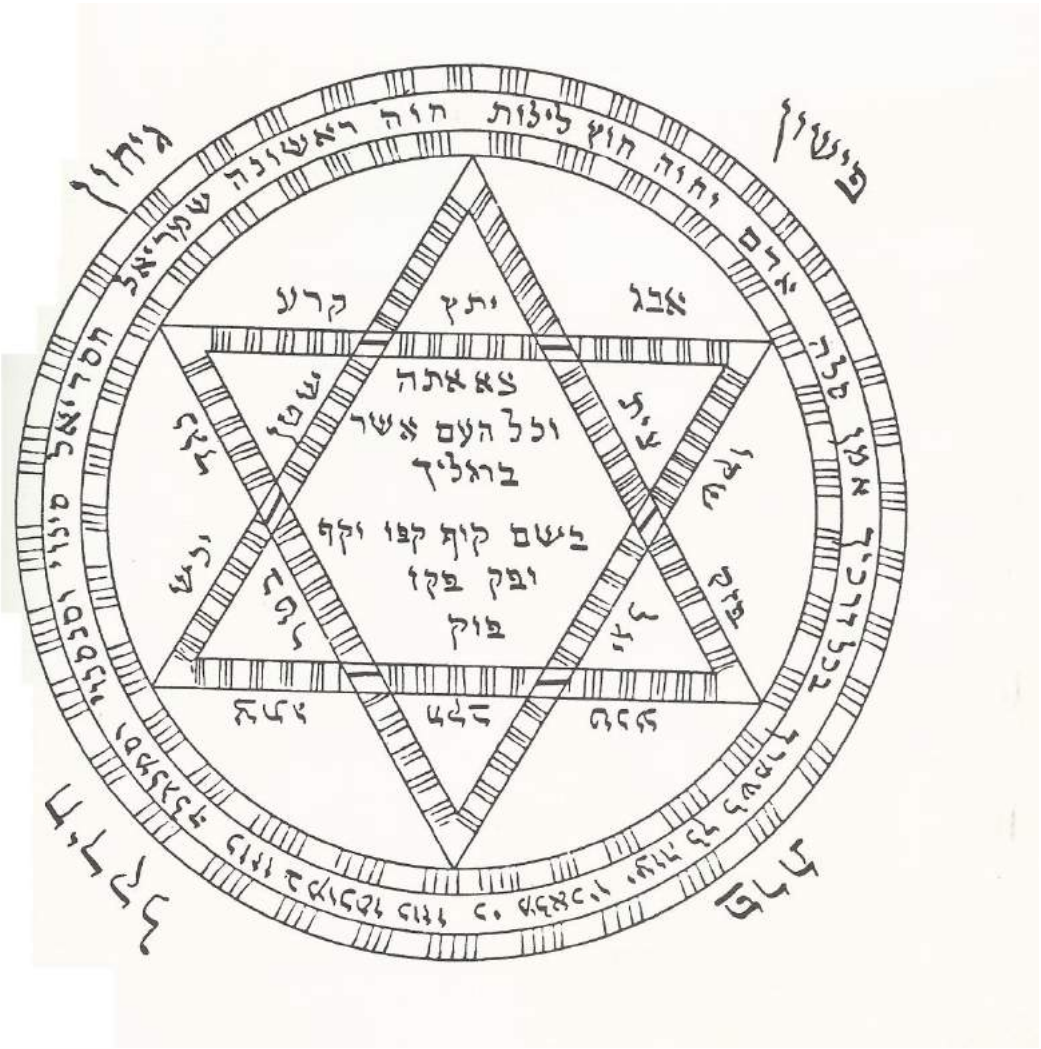
O Beriah da Criação é o Mundo em que a Vontade de Deus, que emana do inalterável reino da eternidade (o Mundo de Azilut) cria o espaço e o tempo. O livro primeiro do *Gênesis* descreve as fases iniciais de um drama cósmico cujos atores habitam um Mundo de espírito puro, regido por seu próprio ciclo de dias e estações. O Adão espiritual, o último destes seres que foi criado, é o mais perfeito de todos eles, dotado além disto do livre arbítrio. Aqui se situa a cena do desenvolvimento do destino da humanidade. (*A criação da Luz, mezzo* tinta de John Marin, Inglaterra, século XIX)

Se o mundo da Criação é o Céu, o da Formação é o Éden. Aqui, as coisas provocadas e criadas, tais como o espírito, se revestem de certas qualidades e características, como uma idéia que toma forma. Neste reino, todas as coisas atravessam metamorfoses sem fim, conforme a Criação avança desde o início até o fim dos tempos. Aqui, o Adão da Criação se dividiu nos dois sexos, que representam o Pilar esquerdo e o direito, enquanto a Árvore do saber ou a Criação se eleva pelo meio do jardim. Em cima se encontra a Árvore da Vida, o Mundo Divino da Emanação; em baixo, a serpente da traição tenta o espírito e a alma. (*A tentação de Adão e Eva*, gravura em madeira, França, cerca de 1500).





O Mundo de Asiyyah, ou da Ação e dos elementos, é o último dos quatro níveis a se manifestar. É o Mundo físico em que as atividades dos Mundos superiores se desenvolvem na prática. A presença dos quatro Mundos completos neste nível físico é simbolizada por vezes mediante os quatro elementos tradicionais: o fogo ou a luz, que representa a Emanação; o ar, que representa os processos espirituais e cósmicos da Criação; a água, que representa o fluxo da Formação, e a terra, como o solo firme da existência. Nesta paisagem, o nível inferior da manifestação - o último a separar-se da Divindade pura e o que é submetido ao maior número de leis - é, contudo, o receptáculo de tudo o que aconteceu antes. Assim, embora tudo aquilo que percebem os sentidos possa ser físico, para o cabalista, todos os fenômenos são os efeitos ou as causas que atravessaram todos os níveis da existência. Uma paisagem ao entardecer, com seus elementos de matéria sólida, formas simbólicas mutáveis, atmosfera e luz, adquire assim dimensões físicas, psicológicas, espirituais e Divinas. (Jerusalém).



(Amuleto contra o mal, em folha, Holanda, século XVII).
Com o Mundo da Criação, surge a primeira separação do Divino.
Aqui, apartando-se de uma só vez do contato direto com a Divindade, o mal assumiu sua forma.
Tradicionalmente é simbolizado pela rebelião do arcanjo Lúcifer contra a ordem Divina de que deveria se submeter a Adão.
Por esta rebelião, Lúcifer foi relegado, para cumprir o trabalho do tentador.
Trabalha junto com as forças demoníacas da integração, para por à prova a integridade da Criação e especialmente a do homem, a única criatura que possui livre arbítrio.
O arcanjo Miguel recebeu a ordem de ser o adversário do mal no céu, enquanto que o homem é responsável da ordem sobre a terra.
A cabala prática é uma forma de lidar com o mal.
É uma forma de magia, a perigosa arte de obter poder sobre o mundo psicológico (Yezirático) mediante a utilização de símbolos; contudo, alguns rabinos consideraram-na legítima se aplicada escrupulosamente.
Com o transcurso do tempo, aquelas práticas foram corrompidas e conferiram à cabala uma reputação duvidosa.
Mas as técnicas continuam sendo válidas na medida em que certos exercícios podem provocar profundas mudanças na consciência e eliminar problemas psicológicos que tempos atrás eram considerados em termos de posse demoníaca.

O ponto máximo que a maioria das pessoas pode se acercar ao tema deste livro é a experiência sublime e única na vida de cada um. Um momento assim pode se dar em circunstâncias muito diversas, mas sua qualidade é sempre a mesma. A consciência física agudizada se torna em lucidez psicológica, que por sua vez se transforma numa profunda consciência da totalidade do universo e da Presença da Divindade. Uma pessoa entra em contato direto com todos os Mundos ao mesmo tempo e percebe tanto a complexidade, como a unidade de todas as coisas. Embora esse momento possa durar apenas um segundo, sempre é inesquecível. É o dom do Céu, e se uma pessoa deseja tomar a opção da iniciação, esse momento pode ser a porta que conduz ao reino interior e ao superior. Aqui, Moisés experimenta um desses momentos. Suas escolhas alternativas consistem em conduzir os escravizados filhos de Israel - a psique, com sua massa de hábitos de descontentamento enraizados - à terra prometida ou Mundo Espiritual da Criação, ou em permanecer, sem atingir sua realização, num deserto situado entre os cozinhados de carne do Egito e a terra onde corre leite e mel. (*A Sarça Ardente*, pintura de Ernst Fuchs, áustria, século XX).

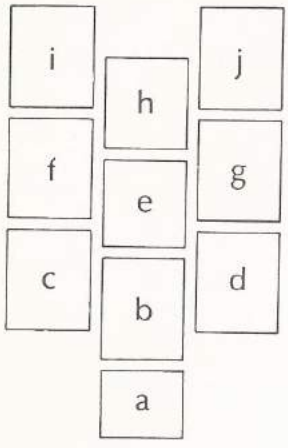








O primeiro passo da cabala é familiarizar-se com a Árvore Sefirótica. Sem esta chave decifradora, pouco se pode aprender. Para isto, é necessário traduzir a natureza de cada Sefirah em termos humanos, de forma que a imagem Divina possa ser percebida ao nível do homem. A Árvore é representada aqui por pinturas e temas, através das obras de Rembrandt (que de todo modo estava relacionado com a cabala.) Malkhut, o Reino, é visto como o corpo físico elementar. Yesod, o Fundamento do ego, é representado através da figura do filho talentoso, mas também ambicioso, Absalão, que queria ser rei. Hod, a Reverberação, é a parte mercurial de nossa inteligência natural, que aprende e comunica; Nezah, a Eternidade, é a esfera dos ciclos instintivos e da preocupação pelo prazer e pela dor. Tiferet, a Beleza, é o eu que observa tudo e luta contra o anjo para impor Minha Vontade à Sua Vontade. Gevurah é a qualidade emocional do Juízo, a disciplina e a decisão; é o complemento de Hesed, a tendência emocional para a Misericórdia, para o amor e para o perdão. A não-Sefirah de Daat é a voz do invisível, que concede o conhecimento desde o mais além deste Mundo. Binah é a capacidade intelectual de Entendimento através da longa reflexão; a Sabedoria, Hokhmah, se encarna no momento da revelação que surge na mente. Não há imagem de Keter, a Coroa. A pauta completa de Atributos, com suas relações marcadas pelos caminhos da Árvore (página 40), define a anatomia da psique.
(As Sefirot na experiência humana, vistas através de dez quadros de Rembrandt van Rijn, Holanda, século XVII)



(a) Malkhut. A lição de anatomia do doutor Johan Deyman.
(b) Yesod. David e Absalão.
(c) Hod. Tito, o Filho do Artista, diante de seu atelier.
(d) Nezah. Saskia van Ulenborch com Atuendo Arcádico.
(e) Tiferet. (Jacó (Israel) lutando contra o anjo.
(f) Gevurah. O Homem do Elmo de Ouro.
(g) Hesed. Cabeça de Rabino Ancião.
(h) Daat. São Mateus e o Anjo.
(i) Binah. Santo Anastácio.
(j) Hokhmah. O Festim de Baltazar.



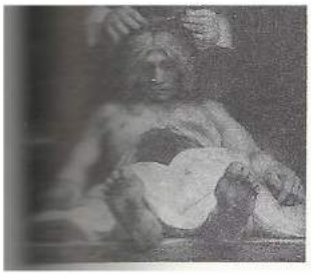












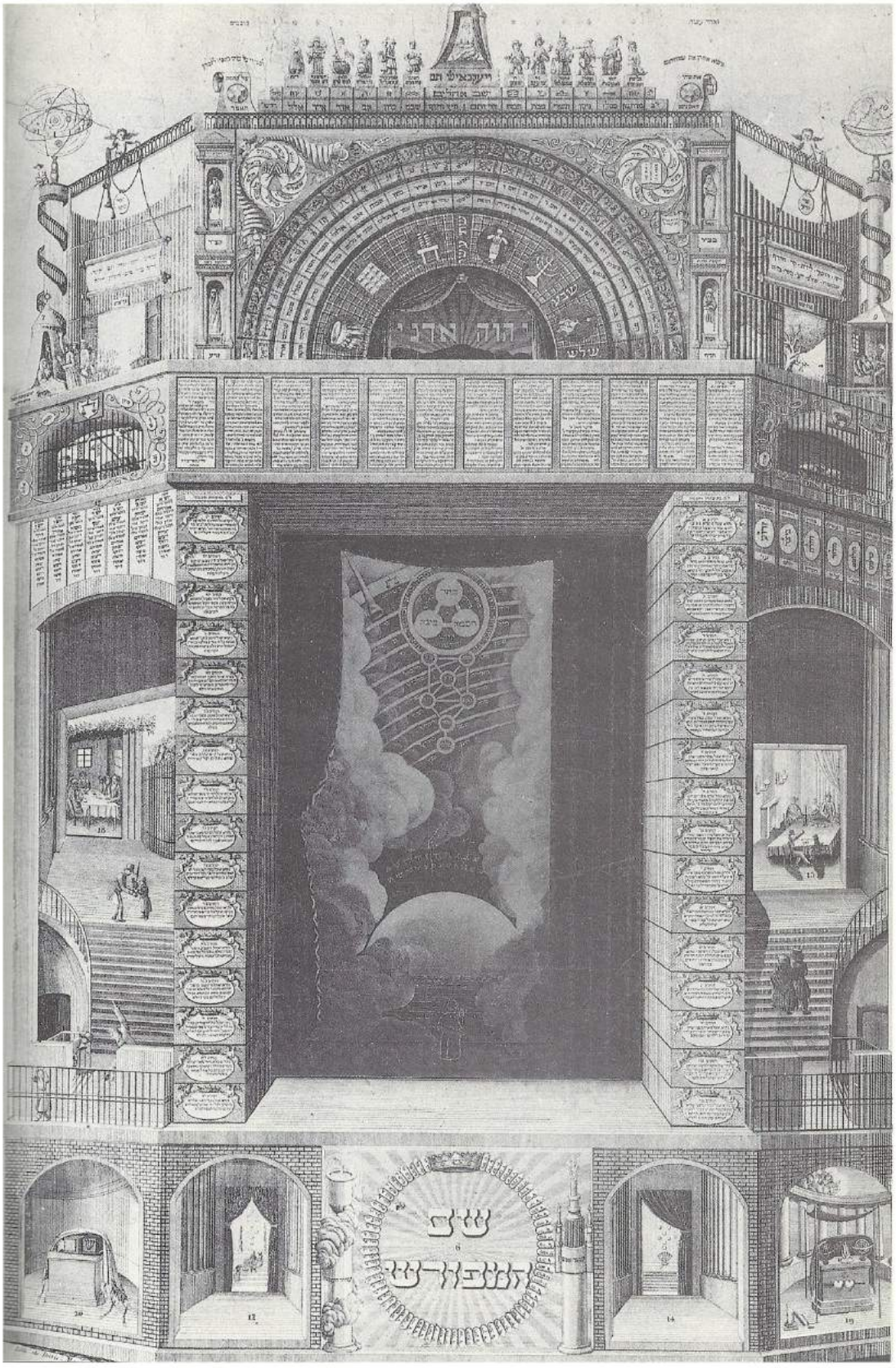
Páginas Seguintes:
O mundo incial do *Gênesis*, Bereshith, diz-se que é a raiz de todo o Ensinamento. Em sua leitura da *Bíblia*, os cabalistas utilizam uma grande variedade de métodos de interpretação - literal, alegórica ou metafísica - mas o objetivo é sempre o de abrir as denominadas sete portas da compreensão. As três primeiras são as da ação cotidiana, do sentimento e do pensamento; as quatro últimas compreendem o despertar interior, a consciência da alma e a consciência espiritual que conduzem à Divina Presença (correspondem às tríades da Árvore do Caminho Cabalístico da página 22). Em cada uma destas etapas, o texto da *Bíblia* adquire um novo significado como, por exemplo, o símbolo de Adão e Eva, que assume gradualmente uma realidade física, psicológica e espiritual.
(Frontispício de uma Bíblia hebraica, com o sumário ilustrado com todas as narrações bíblicas, Alemanha, cerca de 1300).

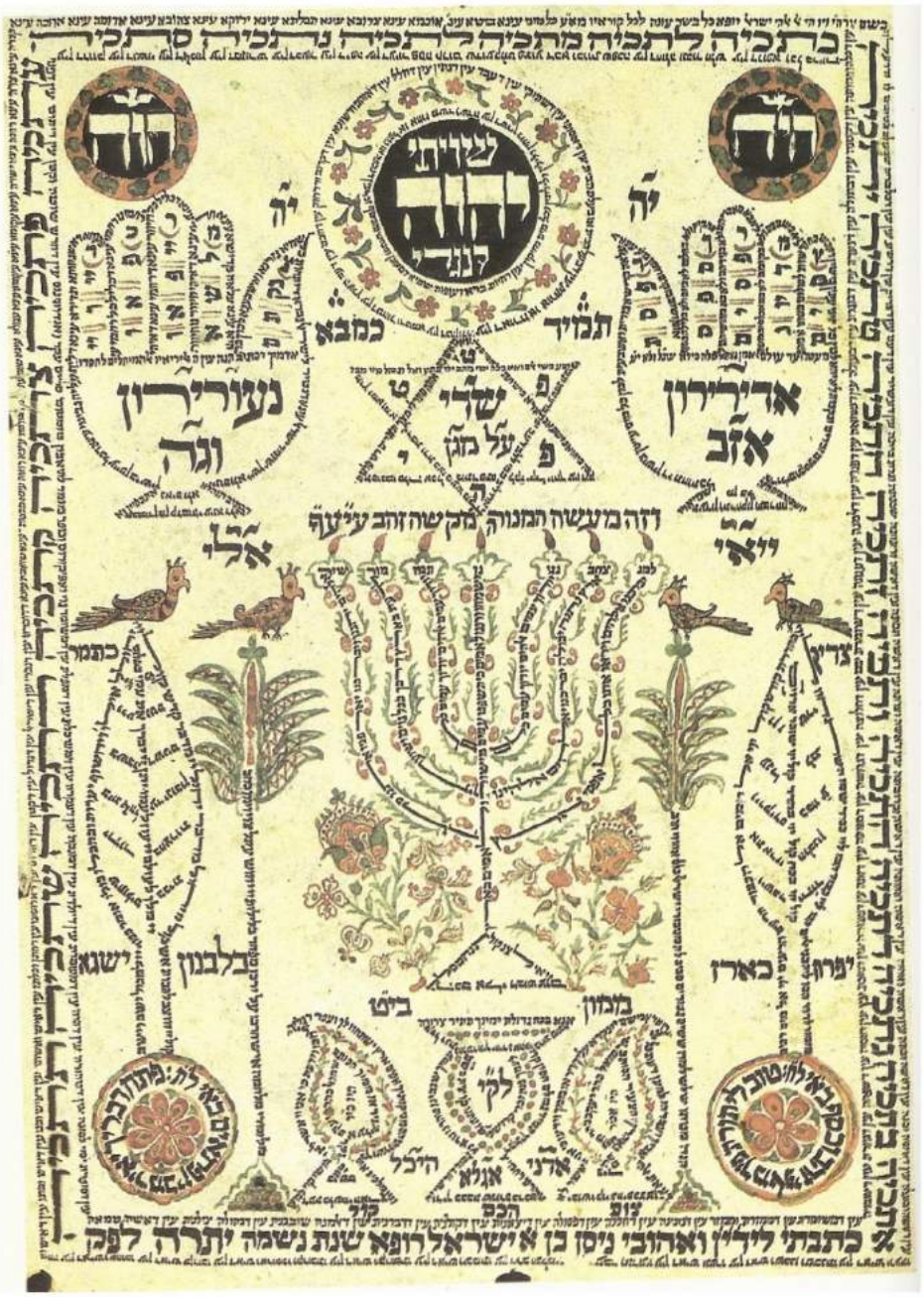
Um dos símbolos mais poderosos da *Bíblia* é a Passagem do Mar Vermelho. Não se trata apenas do relato de um acontecimento milagroso na história de uma nação, mas também a descrição de uma iniciação espiritual. Uma vez que o aspirante tenha deixado sua antiga forma de vida, representada pelo Egito, e tenha cruzado o mar do compromisso, já não pode voltar atrás. Tem que enfrentar o deserto psicológico interior, com suas rebeliões e sua disciplina, sua purificação e sua revelação sobre um Monte Sinai interior, até que a velha psicologia de escravo desapareça e então estará pronto para entrar na terra prometida do espírito.
(A Passagem do Mar Vermelho, iluminura de um manuscrito por Belbello de Pavia, Itália, século XV).



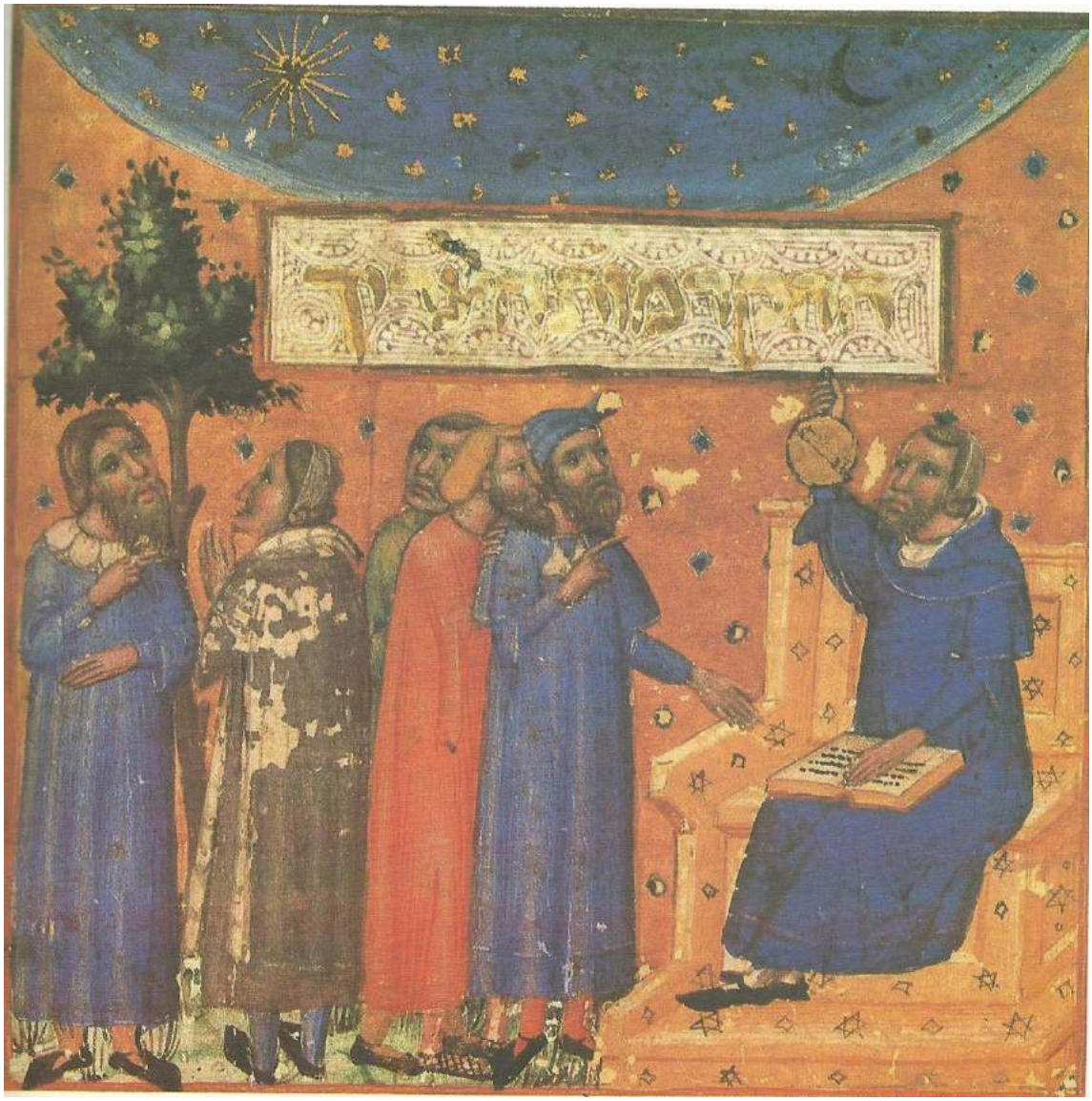
A instrução cabalística pode atingir-se através de muitas vias. Pode se compartilhar formalmente numa escola ou pode se receber individualmente mediante a conversação, a demonstração ou o ritual. Não existem regras, exceto a de que o aluno deve estar amadurecido e apto a receber a instrução. A teoria da cabala pode ensinar-se, por exemplo, em particular ou publicamente, mediante a cerimônia da Páscoa judaica, de maneira que seu significado interno - o estar pronto para deixar a casa do cativeiro - assume uma relevância direta. Nestes primeiros anos, o sistema deve ser aprendido a fundo e seu ensinamento pode provir de um rabino ou de alguém que aparentemente possa parecer a pessoa menos qualificada, mas que interiormente está em conexão com a tradição.
(Frontispício que mostra as Sefirot superiores; as Sefirot inferiores se encontram no leitor. Haggadah, Holanda, século XVII).

A teoria se complementa com a prática. Aqui, as idéias esotéricas se entretecem no céu das festividades judaicas e com os principais acontecimentos da vida. Cada dia tem suas fases de Misericórdia, de Graça e de Severidade; cada semana, sua progressão Sefirótica; cada estação, seu significado espiritual. Cada etapa da vida é parte de uma viagem sagrada. Os ritos da circuncisão, do Barmitzvah e do casamento completam o ciclo natural antes do crescimento interior da alma e do desenvolvimento do espírito se tornarem o centro da existência.
(A prática cabalística, litografia, França, século XIX).





Para o cabalista, a prática nunca deve se converter em rotina.
Embora exteriormente possa levar a cabo exatamente o mesmo processo dos seus companheiros, ele tenta permanecer consciente do conteúdo interno daquilo que está fazendo em relação a si mesmo, ao universo e a Deus. Sua intenção, ou Kavvanah, é conscientemente dirigida, porque ele sabe que o que está fazendo terá um efeito sobre a totalidade da existência. Aceita a responsabilidade de seu arbítrio e age segundo seu conhecimento dos Mundos superiores, de tal forma que uma
simples cerimônia se torna o foco do influxo Divino.
(Mizrah, ou menorah, para orientar a oração no tempo e no espaço, Iran, século XIX).



Nas primeiras etapas da cabala é necessária a relação com um instrutor.
O mestre não só compartilha conhecimento, como também vela pelo estudante, suprindo a própria consciência deste ainda imperfeitamente desenvolvida.
Desta forma, o estudante aprende a observar sua própria natureza com objetividade e a receber, por seus próprios méritos e pela Graça que vem de cima, a bênção cujo veículo é o mestre. Isto só pode ocorrer se o próprio mestre é uma pessoa de saber interno e está em conexão direta com as Sefirot médias e superiores da Árvore da Tradição.
Tal mestre deve possuir profunda intuição psicológica e experiência pessoal dos Mundos espirituais e Divinos.
(O Mestre, página do Guia para os Perplexos de Maimônides, manuscrito, Espanha, século XIV).

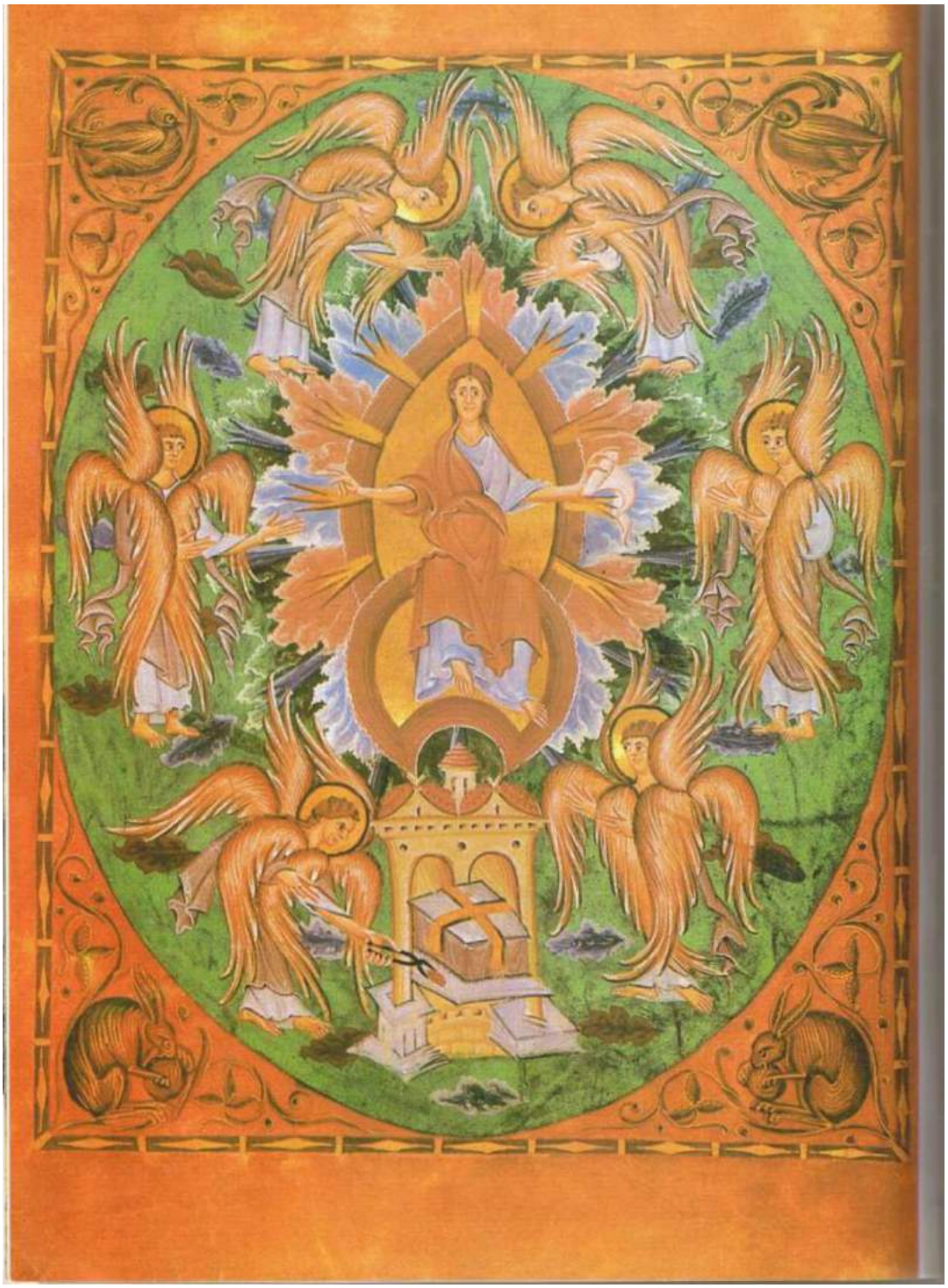




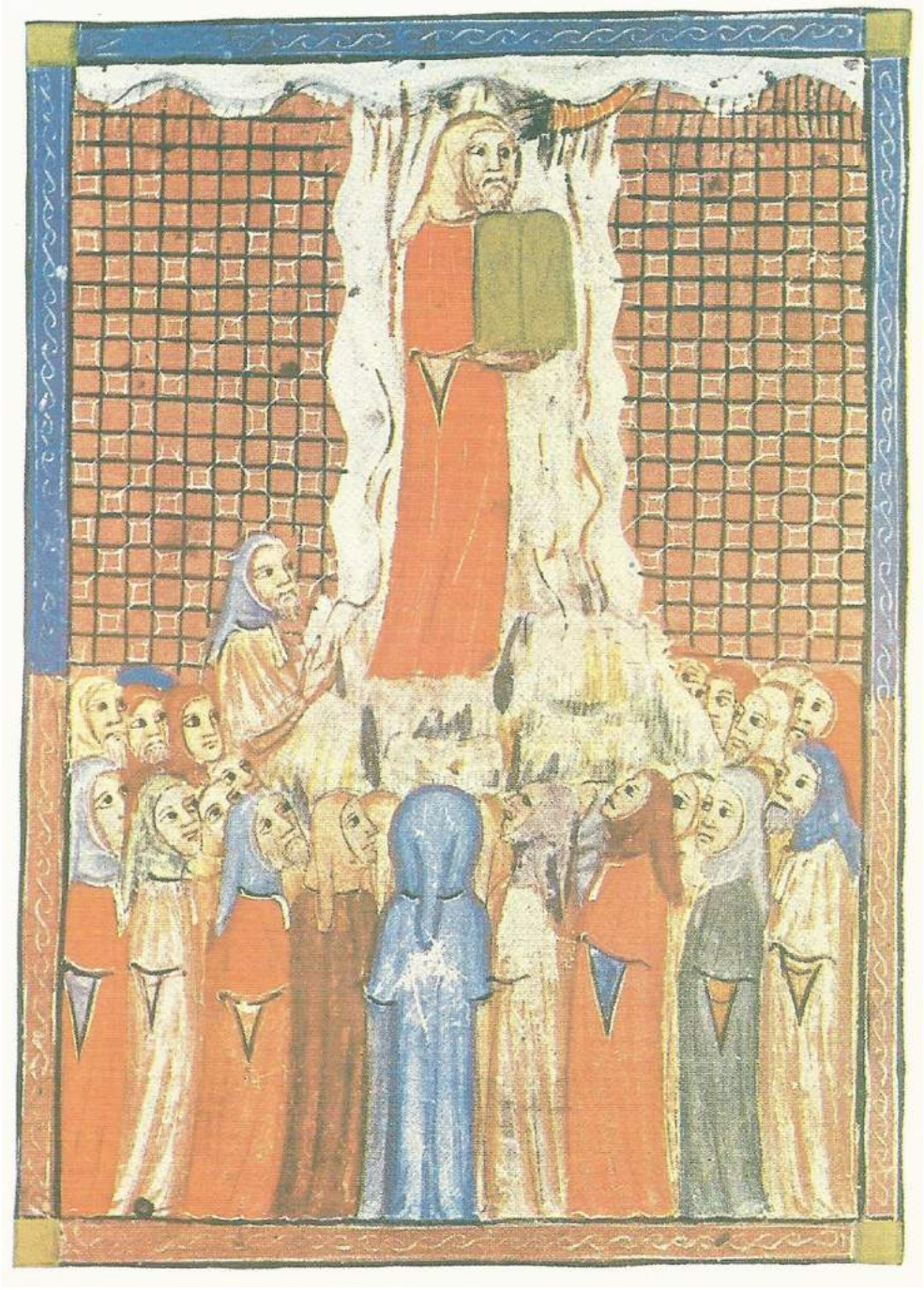


Há três abordagens iniciais na cabala que correspondem ao corpo, ao coração e à cabeça. São os três métodos da ação, da devoção e da contemplação: a abordagem literal, a alegórica e a metafísica à tradição religiosa.
A ação é a aproximação mediante o ritual, seja uma cerimônia comunitária, seja uma prática privada. Uma tarefa cotidiana pode se tornar um ato de veneração, tanto no interior, como fora da ortodoxia dos ritos: o único critério é que seja uma ação plena de dedicação e impregnada da consciência do Divino no interior da realidade física.
A devoção pode assumir diferentes formas.
Pode estar na oração ou no serviço religioso, ou em tudo em que o principal móbil seja o coração. O amor e o temor a Deus é sua motivação; cria um profundo sentimento de gratidão pelo que nos foi dado e sensação de obediência à divina intenção.
A contemplação é a abordagem da mente.
É função do intelecto penetrar e compreender o universo em seu nível mais profundo. Tais reflexões podem compreender o exame da última etapa da evolução cósmica, do destino do espírito a longo prazo, ou de uma situação corrente no âmbito do Plano Divino.

(A Ação; A Sinagoga de Livorno no Simchas Torah, pintura de S.A. Hart, século XIX, esquerda, em cima)
(A Devoção: A Bênção das Velas, pintura de Isidor Kaufmann, século XIX, esquerda, em baixo)
(A Contemplação: A Última Oração, pintura de Samuel Hirschenberg, século XIX).



Depois da ação, da devoção e da contemplação, todas elas como parte do trabalho do aspirante a cabalista, a quarta abordagem, a da percepção mística, constitui o primeiro estágio da verdadeira experiência cabalística.
Nesta produz-se a ruptura com o Mundo natural, para passar, acima, ao sobrenatural, onde o cabalista vê o que costuma estar oculto à vista - como a aura dos corpos vivos - ou onde conversa com mestres mortos tempos atrás, ou ainda onde vê os seres angélicos ao redor do Trono Celestinal.
Mas esta experiência profética está prenhe de perigo se o indivíduo não estiver preparado ou amadurecido.
(Visão de Isaías, segundo o manuscrito do Livro de Isaías, Reichenau, Alemanha, século XI).



O mais alto nível da realização humana é o contato direto com o Divino.
Este pode ser atingido por mérito próprio, mediante um forte trabalho espiritual, ou recebendo a Graça a partir de cima.
Este contato, por mais momentâneo que seja, sempre foi considerado como a coroação de uma vida. É o dever e o privilégio do cabalista esforçar-se para atingir a conexão Divina mediante a prática do Devekut, a adesão a Deus, num constante ato de rememoração da Presença Divina.
(Moisés fala com Deus, segundo o manuscrito de Haggadah, Espanha, século XIII).